

PARECE-LHE OBVIO ?

georgesaraiva

“A Beleza é ‘a Fronte’,

O amor é a coroa;

Deixe-lhe coroar!”

V. Hugo

Encontrei pela manhã, num entorpecente grito de fealdade,
aquela certa moça de outrora; implorou-me por um
pouco de pão e algo para beber olhou-me friamente nos olhos, e, sorrindo, como se lhe
fosse hábito comum, crível entre nós dois; éramos monges budistas num templo
pantanosos, repleto

de indagações cosmopolitas e traiçoeiras do passado afetivo
um tanto desnatado de felicidades. Sorriu-me novamente. Não
hesitei. Detestava qualquer falta de escrúpulos – principalmente
débeis mentiras. Beijamo-nos. Convidou-me para subir a seu
quarto alugado, despreparado para acolher a tal deusa da espontaneidade.

Sublimes, subimos por escadas tão longas quanto
fora a perniciosa viagem. 3º andar, ap. 302; embriagamos
nosso tédio com palavras fáceis, e talvez duas garrafas de um
vinho qualquer, mantido pelo esquecimento de sua alcova sombria
e destituída de felicidade, e... Visitas, que, possivelmente
não me agradariam.

Discutimos Goethe, Rimbaud, Augusto dos anjos;
sentimo-nos velhos. Choramos, dormimos. Rebelamo-nos e
aceitamos contraditoriamente a falsa devoção, simplesmente
pelo prazer do ócio, do laço. Forrei-lhe de acácias, e criticamos

a afabilidade de Saramago, pois preferíamos Garcia Márquez. Entrelaçados num torpor sensitivo: violentamos Céu e Inferno, elevando Dante à sodomia.

Ela deitou-se no sofá, em transe inofensivo, mas odiava que os pés – por sinal horríveis, era o que dizia – dignos de fetiche puro, a meu ver. Nos amamos.

– “Odeio ‘fazer amor’”, bradou num rugido orgástico, após tê-la masturbado a exaustão. Trepamos!

Gozamos entre o desespero e a despedida, e o que se chama de soberbo. Adormeci, em seu colo maternal, suponho que até sonhara. Esta moça – não me lembro a incógnita do nome – roubou-me, tornou-me um pertence emoldurado, “não sou aquilo que se vê”. Frustrei-me.

Uma cártula de Diazepan 10 mg. Combinamos subir ao sino da igreja mais velha e declarar o nascimento da Ventura, ou martírio: Paixão. E resgatar a promiscuidade de velhos tempos. Sexo, sexo... Levantei-me em sonolência, ressaca, dores, prazer; novidade entre confusão; confissões. Dez horas. Geladeira entreaberta roubei-lhe a ultima garrafa de vinho, na verdade quase vazia, tomei-lhe algum dinheiro emprestado. Um bilhete incorporado ao engraçado abajur – nunca falei sobre o quanto era engraçado aquele guarda-luz – “Je te Aime; não me procure”, mas não tive coragem... Beijos, beijos e beijos. Rabisquei algo:

“La beauté c’est ‘Le Front’,

L’amour c’est la couronne;

Laisse-toi couronner!”

V. Hugo

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/parece-lhe-obvio>